



## ANDAR DE SKATE NÃO É CRIME: A HISTÓRIA DE UM PROTESTO SOBRE RODAS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3551

Vinicius Ferreira, UNICENTRO

### Resumo

Esta pesquisa foi proposta no intuito de analisar as manifestações por parte dos skatistas da cidade de São Paulo no final da década de 1980. Essas manifestações se concentraram em uma passeata contra a proibição do prefeito Jânio Quadros, que restringiu o uso costumeiro por parte dos skatistas de andar de skate no parque Ibirapuera e posteriormente em toda a cidade de São Paulo. Vemos na proibição de Jânio, e na resistência por parte dos skatistas um conflito de classes, justamente por isso partimos dos pressupostos teóricos de Edward P. Thompson e seu capítulo três do livro *Costumes em Comum* (1998), denominado “Costume, lei e direito comum”. A construção do arcabouço documental partiu, principalmente, de matérias de jornais impressos e fotos do período, além de uma criteriosa revisão historiográfica sobre o tema.

### Palavras Chave:

Protesto; Repressão;  
Resistência; Skate;  
Skatistas.

## Introdução/Justificativa

Com uma pesquisa que se enquadra nos novos encaminhamentos e possibilidades da historiografia, procuramos entender os skatistas paulistanos de meados da década de 1980 numa dimensão ainda não explorada com a sua devida atenção, a dimensão social.

Como é de praxe, busquei fazer um vasto levantamento sobre a bibliografia do tema, tudo que fosse possível encontrar de textos nacionais que tomassem o skate como objeto de pesquisa, quer fosse na História, quer fosse em outros campos do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia e até mesmo a Educação Física.

Nesse sentido, acabei por constatar que o skate talvez não constitua ainda, uma historiografia própria, pois é um tema relativamente recente nas pesquisas acadêmicas, em especial na História. No campo historiográfico brasileiro, nesse quesito, quando se fala em história do skate é inevitável recorrer a Leonardo Brandão<sup>1</sup>.

Brandão é o principal precursor da História do skate no país, responsável pelo balizamento metodológico desta pesquisa, ele foi o pioneiro no trabalho com mídia de nicho, a relação cultural do skate com as cidades e as questões inerentes ao skate e o corpo, além do que, é ele que faz o mais completo levantamento (e talvez o único), do que já foi escrito sobre o skate no país.

Esse levantamento se encontra no artigo: “Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil” (2008), que contém tudo o que de mais importante já foi escrito sobre o skate no Brasil.

Segundo Brandão, “Há mais de

dez anos o historiador Edgar De Decca (1997) apontava a dificuldade de se levar adiante, no Brasil, pesquisas relacionadas a história do esporte.” (BRANDÃO, 2008, p. 02). Trabalhando pelo viés cultural, Leonardo Brandão faz uso de um arcabouço teórico-metodológico, que tem contribuições de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, mas, principalmente Roger Chartier, com as noções de práticas e representações (2008, p. 03).

É de fundamental importância, no entendimento do trabalho que aqui apresentaremos, o fato de que em nenhum momento o skate foi tomado como esporte, mas sim, como uma **cultura material**, que através de diversas influências e elementos se consolidou, e que esta é apenas uma opção teórica de olhar o objeto, mas que modifica as questões, os caminhos, e consequentemente os resultados.

Essa interpretação do skate como um movimento social/cultural está baseada nos pressupostos de E.P Thompson e a sua definição de cultura (aparato de luta social) e nas considerações iniciadas por Leonardo Brandão em seus livros “*A cidade e a tribo skatista*” (2011) e “*Para além do esporte*” (2014).

De antemão, ressaltamos que o skate (pelo nome podemos perceber) não é uma invenção brasileira, longe disso. Brandão, a partir de Michael Brooke, nos conta que “os primórdios do skate estão associados às *scooters*, caixas de laranja fixadas em madeira com rodas e que serviam como meio de locomoção entre os jovens estadunidenses no início do século passado. (BRANDÃO, 2008, p. 07) e ainda ressalta que o primeiro skate,

[...] foi uma invenção estritamente norte-americana, de jovens californianos – segundo a versão mais divulgada pelos meios de comunicação específicos sobre

1 Doutor em História pela PUC-SP e professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento

Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

skate – passaram a improvisar tábuas sobre rodas para “curtir” no asfalto em épocas de maré baixa para o surf. Sua invenção, mais do que uma aposta mercadológica ou uma estratégia de *marketing*, deveu-se à criatividade, à astúcia e às brincadeiras de rua juvenis. (BRANDÃO, 2009, p. 334).

Em sua dissertação de mestrado, Brandão faz uso de historiadores estadunidenses que escreveram sobre o início dessa atividade, mas se baseia principalmente no documentário “Dogtown and Z-Boys” (2001) produzido por um skatista norte-americano chamado Stacy Peralta, que além de cineasta fez parte da geração que popularizou o skate nos EUA, justamente a geração da qual trata este documentário.

Os primeiros skates são datados da década de 1960, construídos como já foi dito para ser uma cópia do surf no asfalto em dias em que o mar estava *flat*<sup>2</sup>, onde desde seu início, o skate nasce na parte suburbana da costa oeste de Los Angeles, mais especificamente na região de “Dogtown” da cidade de Santa Mônica.

Nota-se com clareza uma preocupação com a delimitação geográfica no local. Segundo os depoentes, existia uma linha invisível de demarcação, que ia da parte norte da cidade de Santa Mônica até a parte sul, onde ficava “Dogtown”. O norte, segundo eles, era rico, o sul não. A linha invisível era, como percebe, uma linha financeira. (BRANDÃO, 2011, p. 39).

O que realmente se destacava na região, naquele período era o surf, e a linha imaginária valia para ele também, os surfistas da região de Dogtown demarcavam através do grafite<sup>3</sup>, e que carregavam a imagem transgressora, pois

não permitiam que surfistas de fora surfassem no Pier de Santa Mônica, um píer abandonado que servia de ponto de encontro para os surfistas de Dogtown.

Stacy Peralta e alguns dos Z-Boys, frequentavam o local e passaram a se incorporar nas práticas, indo de skate para a praia, e nesse caminho passaram a desenvolver cada vez mais as suas próprias técnicas no skate.

Vendo aqueles jovens andando, Skip Engblom, dono de uma loja de surf da região, chamada Zephr, resolveu chamar aqueles jovens para montar uma equipe, mesmo que o momento não fosse dos melhores para a prática como expõe Brandão.

De fato, o vídeo traz imagens que demonstram artigos em jornais exibindo a falência do skate por volta da metade de 1960. Campeonatos com um número irrisório de competidores, a queda no número de adeptos etc. Suas imagens passam a impressão de que o skate ficou mais para brincadeira de criança do que para o esporte. (BRANDÃO, 2011, p. 40).

É nesse contexto que nasce a equipe dos “Z-Boys”, uma equipe criada exclusivamente para a prática do skate e suas poucas competições daquele período, onde os integrantes da equipe destacaram (mais tarde nas entrevistas para o documentário) que, “não víamos futuro algum nisso” (BRANDÃO, 2011, p. 38).

As possibilidades do skate eram escassas naquele momento, por ter uma ligação direta com o surf e sua imagem transgressora, onde “Segundo Nathan Pratt um dos integrantes dos “Z-Boys [...] Em 1971, o surf era banido pela sociedade. Era anti-social de um modo geral. [...] ser surfista era como dizer que era um lixo.”

2 Dias em que o mar estava calmo, sem ondas, impossibilitando a prática do surf.

3 Que ainda não era assim conhecido, pois só se constituiu com este nome, a partir do momento

que se integra aos outros elementos do Hip Hop, formando os quatro elementos da cultura de rua, Rap (Mc), Break, Grafite e o Dj.

(BRANDÃO, 2011, p. 44).

Além do mais, os skates eram horríveis no que concerne aos materiais e seu conjunto, não existia ainda qualquer interesse em se investir naquela prática, logo as inovações tecnológicas pareciam distantes, pareciam...

De fato, a grande transformação nesta prática ocorreu somente em 1972, com adaptação e introdução do poliuretano na construção das rodas de skate, as quais antes eram produzidas somente com borracha, ferro ou argila. Essa nova tecnologia acarretou uma reviravolta na história dessa atividade, pois com o poliuretano os skate passaram a ser mais velozes e aderentes ao pavimento, conquistando rapidamente um maior número de adeptos e possibilitando uma maior variedade de manobras. O resultado foi a criação de pistas, campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas. (BRANDÃO, 2011, p. 32).

Essa inovação tecnológica permitiu uma “virada de mesa” (Documentário Vida Sobre Rodas, 2010) em relação ao esporte, pois este começou a ganhar mais adeptos e se popularizar, mas tudo isso ainda estava restrito a campeonatos de demonstração. Foi somente depois da descoberta dos “Z-Boys” que o skate ganhou dimensão. Essa descoberta é o que conhecemos por *skate vertical*, e sobre ele Brandão destaca que,

Na Califórnia, existem muitas piscinas em formato oval, redondo... as paredes possuem transições, que lembram as ondas do mar. Foi esta “rampa” nas paredes das piscinas californianas, somada a habilidade e à técnica dos skatistas de “Dogtown”, sobretudo os da equipe “Z-Boys”, que forneceram as piscinas vazias uma

outra utilidade nunca antes pensada: eles viram as primeiras pistas de skate vertical. (BRANDÃO, 2011, p. 65).

Com a roda de poliuretano e a invenção do skate vertical, o skate finalmente tinha os elementos que podiam propiciar a sua expansão, e de fato, foi isso que aconteceu, as empresas que passaram a olhar para o mercado de consumo da faixa etária juvenil passaram a se apropriar do skate como aposta para vender, o que Brandão chama de “processo de esportivização” ou, como nós entendemos, uma “mercantilização” da cultura skatista por parte da “Indústria Cultural” (ADORNO, 2002).<sup>4</sup>

O skate chegou no Brasil, do mesmo modo que fora inventado nos Estados Unidos, já que o interesse a *priori* pelo “surfinho” (como era conhecido quando chegou), surgiu dos surfistas cariocas da década de 1960 quando,

[...] acabaram por descobrir a existência do skate nas páginas de revistas norte-americanas destinadas ao surf, como a *Surfer* e a *Surfing*, as quais passaram a exibir, além do surf, também imagens de skate. De acordo com o pesquisador Tony Honorato (2004), “há rumores do surgimento do skate no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa”. (BRANDÃO, 2009, p. 335).

Segundo o nosso principal autor sobre a história do skate, apesar de sua chegada no Brasil na década de 1960, devido ao Regime Militar que se estabeleceu e que reprimia a prática do mesmo, a prática do esporte ficou reservada a pequenos grupos que tinham acesso as escassas pistas de skate existentes.

4 Para saber mais ler “ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.”

O skate até parecia ter potencial para ganhar corpo na década de 1970, o grande indício disso era o surgimento, no Rio de Janeiro, da primeira revista direcionada ao público skatista, denominada *Esquete*. Mas não era, ainda, o momento de ascensão do skate no país, tanto que, segundo Leonardo Brandão “a revista não conseguiu se estruturar no mercado editorial brasileiro, o que revela a fragilidade mercadológica do skate na época”. (2008, p. 89).

O fato é que o skate e sua prática ganham corpo realmente somente na década de 1980, principalmente a partir do movimento de redemocratização do país em 1985, pós período de Ditadura Militar, um período no qual instaurou-se uma forte aspiração de liberdade por parte da camada mais jovem dos espaços urbanos.

Durante a década de 1980 esse processo de esportivização avançou, surgiram outras publicações específicas sobre skate (como as revistas *Overall*, *Yeah!*, *Skatin'* e *Vital Skate*) e os campeonatos tomaram uma maior dimensão no que diz respeito ao público, organização e quantidade de competidores. Segundo a jornalista Cecília Moisés Gonçalves, “de 1985 pra frente, o skate lotava os estádios e as equipes profissionais eram fortíssimas, tanto estrangeiros quanto nacionais. Além disso, a prática do skate começou a ser veiculada na televisão, como no programa *Vitória*, exibido no final de 1986 pela *TV Cultura* e no programa *Grito da Rua*, exibido entre os anos de 1987 e 1988 pela *TV Gazeta*. (Idem, 2014, p. 295).

Com esse grande crescimento o número de praticantes de skate aumentou

consideravelmente, - “1 milhão de skatistas de rua no Brasil em 1987” (BRANDÃO, 2014, p. 296) – e as pistas já não eram suficientes para os skatistas, o que eles queriam agora eram as ruas, os bancos, as escadas, toda a cidade podia ser uma grande pista de skate, completamente reinterpretada aos olhos dos skatistas. Segundo Leonardo Brandão, parafraseando o historiador Roy Potter, “tratava-se da invenção do *street skate*<sup>5</sup> [...] uma espécie de “cultura corporal anárquica” (BRANDÃO, 2014, p. 296).

Essa anarquia se deve a uma forte influência pela aproximação do skate com o movimento *punk*<sup>6</sup> naquele período, pois, as atitudes, o modo de ver a vida, de lutar contra o sistema, aliado ao sentimento de liberdade inspirado pela redemocratização, caracterizou um estilo próprio do skatista brasileiro naquele momento.

Os skatistas de rua não eram necessariamente *punks*. Mas não há dúvida que o *punk* manifestava-se junto a muitos jovens skatistas do período numa espécie de “contágio”, isto é, como uma influência estética na forma como os skatistas de rua apropriavam-se da cidade e também no modo como essa atividade passava a ser retratada por suas mídias especializadas. (BRANDÃO, 2014, p. 301).

Certamente que o skate no Brasil teve a sua porta de entrada através da cidade do Rio de Janeiro pela influência do surf, mas nesse contexto de estabelecimento definitivo do skate no país a cidade central se torna a capital paulista, pois todas as fábricas direcionadas a produção de materiais para a prática do skate se estabelecem em São Paulo, e isso foi fundamental para a análise

5 Street skate ou skate de rua [...] como o próprio nome releva, passou a configurar a prática dessa atividade não em pistas específicas, mas sim nas ruas, praças e diversos outros espaços das grandes e médias cidades brasileiras. (BRANDÃO, 2014, p. 295).

6 Para saber mais, ler “BRANDÃO, Leonardo. A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Editora da UFGD, 2011.”

feita, pois São Paulo é o recorte geográfico desta pesquisa, onde se mostra com mais destaque a relação do skate com o poder público e onde temos o primeiro exemplo registrado de articulação política deste grupo. “De fato, esta cidade passou a concentrar em torno de si a maioria dos campeonatos, marcas, praticantes, eventos etc. Durante a década de 80, portanto, São Paulo se transforma numa verdadeira referência para o skate no país [...]” (BRANDÃO, 2011, p. 103).

Mas isso teve efeitos decisivos na vida da sociedade paulistana, pois, por volta de 1987, o prefeito de São Paulo e ex-presidente do Brasil, Jânio Quadros declara guerra à prática do skate na cidade, instituindo várias proibições.

A resposta dos skatistas paulistanos vem de forma inesperada e organizada. Uma série de protestos, que tem seu auge na passeata do dia 23 de junho de 1988, tiveram efeitos políticos centrais na campanha para a prefeitura do ano de 1989, e é justamente nesse sentido que pretendemos discutir os impasses, consensos e lutas destes skatistas com o poder público.

## Objetivos

O objetivo central desta pesquisa em seu início era: “entender como se formam as redes de sociabilidade através da cultura material produzida pelo skate no período e, os efeitos que isto tem na formação da passeata contra Jânio e, para o futuro do skate no país.”. Para responder tal questão, vejamos o contexto do período de forma mais clara.

Chegamos finalmente ao período histórico que nos interessa, justamente porque é durante o mandato de prefeito de Jânio Quadros - prefeito que era veementemente contra o *street skate* - que o skate tem seu auge no Brasil, mas, principalmente na cidade de sua

prefeitura; São Paulo.

“Na década de 1980 a prefeitura de São Paulo ficava no Parque Ibirapuera, e essa proximidade acabava por facilitar contatos visuais entre o prefeito [...] e o grupo de skatistas que frequentavam o lugar.”<sup>7</sup> (BRANDÃO, 2014, p. 303). É justamente nesse conflito que esta pesquisa se debruçou.

Jânio sempre se mostrou contra o skate de rua em São Paulo, mas, segundo Brandão (2014), “no dia 19 de maio de 1988, quando o então prefeito Jânio Quadros enviou um memorando, impresso no Diário Oficial, proibindo “irrevogavelmente” o skate neste local”, a situação tinha chegado ao seu extremo.

O prefeito afirmava, em uma entrevista, que ele só liberaria o skate quando “cessem de atropelar mulheres e crianças.” (Documentário Vida Sobre Rodas, 2010), mas o fato é que, enquanto seu mandato durasse, o skate não seria bem-vindo, e as coisas iriam piorar.

Não satisfeito em proibir o skate no Parque Ibirapuera, Jânio também proibiu em toda a cidade de São Paulo, dias depois. Foi uma época difícil para a prática do esporte, como mostra a entrevista do skatista (que viria a ser campeão brasileiro em 1989) Rui Barbosa, conhecido como “Rui Moleque”. “Ele recorda do período como uma fase de “terror” para os skatistas, uma vez que “o tempo todo eles precisavam ficar fugindo da polícia, que aprendia os skate”. (BRANDÃO, 2014, p. 307).

Mas a pergunta é: o que os skatistas paulistanos poderiam fazer contra o poder que o prefeito tinha? Continuar andando e sofrendo repressão? Parar de andar de skate? Nada disso!

Inconformados, [...] os skatistas se organizaram e, no dia 23 de junho do mesmo ano, realizaram uma passeata com uso de faixas e de um

---

7 Parque Ibirapuera que era a “casa” do skate em SP no período.

megafone, a qual contou com aproximadamente 200 participantes. Essa passeata também foi noticiada pelo jornal *Folha de São Paulo*, que no dia seguinte ao ocorrido, estampou uma fotografia da passeata em sua capa principal. Na reportagem, a *Folha* lembrava que “os adeptos do skate tem enfrentado dificuldades para treinar desde que o prefeito decidiu proibir a entrada dos skatistas no parque, no dia 19 de maio. (Idem, p. 305).

Quando os skatistas procuram lutar de forma organizada por seu direito de andar de skate, quer seja no parque, quer seja na cidade como um todo, esses sujeitos se articulam enquanto politicamente ativos, em nossa análise, entendemos sua prática no plano material da sociedade como sujeitos intelectualmente ativos, ou na definição de Gramsci, intelectuais orgânicos.

Vejam, estes sujeitos aliam seu conhecimento do funcionamento da lei (seja ele em qualquer grau), a facilidade dos mesmos em se reunirem através da prática do skate, isso provoca focos embrionários de articulação política que tomam uma dimensão jamais imaginada.

Na década de 1980 a juventude vivia através de diversas influências, como Brandão já expos, é um momento de ascensão da juventude como parcela da população socialmente – e principalmente, economicamente – ativa, justamente isso pode ter contribuído para a elevação da dimensão deste conflito, pois a juventude era naquele momento metade da população paulistana, sendo assim, a sociabilidade se fez presente através da empatia, ou da antipatia pela prática.<sup>8</sup>

A informação tomava dimensão tanto por aqueles que achavam absurda a proibição de Jânio e defendiam a prática do skate na cidade, quanto por aqueles que

defendiam a proibição, justamente porque, “Andar de skate em vias públicas era e ainda é algo transgressor para a vida organizada da cidade.” (BRANDÃO, 2008, p. 20).

Com a notícia circulando intensamente em toda a cidade, os skatistas continuaram a tentar andar de skate, mas sempre contidos pela polícia, porém, os “picos” de skate continuavam lotados de skatistas que não deixavam de comparecer e pensar soluções.

## Resultados

Acreditamos que alguns fatores são decisivos na ação desses sujeitos, principalmente no que concerne as suas escolhas políticas, e a base disso, em nosso entendimento, está em suas influências.

Numa linha de raciocínio coerente, o skate como prática transgressora, e fortemente influenciada pelo *Punk* (como bem destaca Brandão em todos os seus livros e artigos), que teria um direcionamento político anarquista, ou algo nesse sentido, supondo que este era o ideal político *punk*. Então porque os skatistas preferiram dialogar com o Estado através do protesto, ao invés da destruição dos símbolos do mesmo, como prega o anarquismo que pulsava na veia dos *punks* paulistanos?

Acreditamos que esse é um momento de novas influências para a juventude de periferia em São Paulo, principalmente pelo advento e consolidação do Hip Hop no espaço urbano da cidade.

O movimento Hip Hop nasce no Bronx nova-iorquino no início da década de 1970 em resposta ao momento político daquela região, onde os índices de pobreza não paravam de crescer e os de emprego não paravam de cair, nesse sentido era uma resposta cultural da juventude aquela

8 Para uma análise mais ampla sobre a formação da juventude paulistana no período, recorremos ao trabalho “A cidade e a tribo skatista” de

Leonardo Brandão (2011), onde ele explicita os anseios dessa massa jovem e a formação dos grupos aos quais ele denomina de tribo.

situação, uma opção além do crime.

No Brasil ele chega assim como e skate como um elemento norte americano, mas que ganha características muito próprias no contexto brasileiro, e que faz da cultura de rua daqui algo um tanto diferente do Hip Hop estadunidense, mas que ainda sim, conservou seus principais pressupostos de luta política, como o resgate dos sujeitos marginais e o orgulho negro.

Desde os anos de 1985-86 os B-Boys, Mc's, Dj's<sup>9</sup> e grafiteiros vinham tomando conta dos espaços direcionados à juventude na capital paulistana, uma prova disso são os encontros na estação de trem de São Bento. "No final dos anos 80, já existiam na São Bento jovens como Thaide, Mc Jack, e o grupo Balanço Negro" (SILVA, 1998, p. 61).

O movimento Hip Hop se constituía como uma possibilidade no plano cultural para aqueles sujeitos marginalizados, principalmente os negros de periferia a quem o movimento originalmente defende.

Cada vez mais a cultura Hip Hop se difundia na cidade de São Paulo como a legítima cultura de rua, o que acarretou em algo parecido como uma transição cultural, onde alguns skatistas continuam a defender os ideais *punks*, mas agora esses ideais contrastavam com os ideias daqueles que se inspiravam nas lutas negras organizadas trazidas pelas letras dos Raps, uma nova influência com novos direcionamentos, que proporciona novos rumos.

Isso demarca uma nova forma de pensamento político da juventude paulistana naquele contexto, e nessa análise acreditamos que esse fator tem papel central na ação dos sujeitos no protesto, e não em uma vandalização ao

prédio da prefeitura, por exemplo.

## Considerações Finais

Nossas conclusões desse trabalho são no sentido de acreditar que contribuimos para a construção de uma historiografia do skate, de uma forma única com tal texto, justamente no fato de estarmos discutindo diretamente com interpretações já assentadas no campo historiográfico, isso nos possibilita novos sentidos para a história do skate, e mais do que isso, acreditamos que textos desse caráter podem ter efeito no plano efetivo da vida e da cultura do skate.

Um dos fatores que instigou a produção desta pesquisa foi uma interpretação difundida por nosso autor base, que diz o seguinte:

Em suas novas representações do urbano, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento [*punk*], pois ambos enxergavam a realidade como algo possível de ser questionado, negado e refeito a sua própria vontade. (BRANDÃO, 2011, p.110).

Nossas leituras e análises atestam que este movimento nada tem de utópico, pois quando esses sujeitos buscam em suas influências inspirações para a sua luta, se transformam em homens da práxis, e através de uma **ação política organizada** transformam o contexto em que vivem.

Sendo assim, nos inserimos na construção desse campo historiográfico abarcados por segmentos teóricos bem amarrados, e que conseguem dar conta dos elementos não discutidos pela história cultural.

Esperamos que este texto contribua com as lutas pelos direitos de prática do skate em cidades das quais ele

embalavam as letras dos Mc's e a dança dos B-Boys e B-Girls; e os grafiteiros eram os responsáveis pelas pinturas dos espaços urbanos, ou seja, logo o grafite foi instituído como arte das ruas e quarto elemento da cultura Hip Hop.

---

9 B-Boys e B-Girls é o nome dado aos adeptos da dança de rua, Mc's eram os cantores de Rap que dava seus primeiros passos; os Dj's era os responsáveis pelas mixagens das músicas que

ainda é proibido, como retrata Brandão em “História da proibição do skate em Blumenau/SC (1999-2007)” (2016). Por acreditarmos que toda mudança na vida em sociedade parte da reflexão historiográfica, acreditamos ter contribuído para experiências futuras, tanto de luta quanto de pesquisa.

## Referências

ADORNO, Theodor. W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, v. 2, 2005. p. 155-202.

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Editora da UFGD, 2011.

\_\_\_\_\_. A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão. **Fronteiras**: Revista de História, v. 11, n. 19, p. 327-348, 2009.

\_\_\_\_\_. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 1, n. 2, 2008.

\_\_\_\_\_. História da proibição do skate em Blumenau/SC (1999-2007). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 42, n. 2, p. 724-743, 2016.

\_\_\_\_\_. Territórios da “Radicalidade”: as primeiras pistas de skate no Brasil (1976 – 1979). **Revista E-Metropolis**, v. 5, n. 17, p. 06-11, 2014.

\_\_\_\_\_. **Para além do esporte**: uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014.

FORTES, Rafael; BRANDÃO, Leonardo. Anárquico, punk, “sem etiqueta”: o skate nas revistas Fluir e Yeah! **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 10, n. 27, p. 211-236, 2013.

MARIANO, Hélio Alexandre. **1976: A criança na mira do congresso nacional: A CPI do menor e o novo código de menores de 1979**. Anais da Semana de história, UNICENTRO, 2004.

TOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## Documentários

BACCARO, Daniel. **Vida sobre rodas**: a história do skate no Brasil. São Paulo: Goma Filmes e Miravista, Tempo: 1h48, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iNwEisI1tq0> >

KORAICHO, Ricardo; VIANNA, Alexandre. **Dirty Money**: a geração que reergueu o skate no Brasil. São Paulo: Visual Pleasures, Tempo: 48m, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UiupIzDJUK0> >.